

## Conflitos e diálogos nas masculinidades e sexualidades umbandistas

Resenha do livro: ROSÁRIO, Victor Lean do. “Nesse terreiro tem axé e tem viado”: experiências homoafetivas e sexualidade em um terreiro de Umbanda no nordeste paraense. Cotia – SP: Margem da Palavra, 2024. 204 p.

Ozaias da Silva Rodrigues  
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
[ozaias.rodrigues@ufmt.br](mailto:ozaias.rodrigues@ufmt.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-2834-4318>

Desde as pesquisas de Patrícia Birman, Peter Fry, Ruth Landes e Rita Laura Segato no século passado, para citar alguns nomes de destaque, o tema das relações de gênero e sexualidade no âmbito das religiões afro-brasileiras tem ganhado espaço nas pesquisas antropológicas. O livro ora resenhado se insere no lastro dessa tradição. Se é uma premissa básica dos estudos feministas entendermos as relações de gênero como relações de poder, geralmente desiguais, a sexualidade também pode ser concebida dessa forma. Tanto num caso como no outro, há uma norma social sobre o que é normal e desejável quanto a estes aspectos, o que é bem explorado pelo autor no livro, assim como são exploradas as dissidências de gênero.

Comecemos pelos *Percursos introdutórios* que podem ser resumidos pela palavra ‘medo’, pois o pesquisador nos conta como seu primeiro contato com um terreiro de Umbanda foi atravessado por esse sentimento. Sentimento que foi vencido até a familiarização ocorrer ao longo de alguns anos de vivência no Terreiro Mina Nagô Cabocla Mariana e Tapinaré das Matas, em Igarapé-Açu, nordeste do Pará. Da experiência que teve

na graduação, brotou a ideia para a pesquisa de mestrado, da qual resultou a dissertação que se tornou livro.

Uma parte interessante de seu relato, nessa parte do livro, é o seguinte trecho: “É importante salientar que alguns questionamentos aparecem recorrentemente, pois um homem hétero quer[er] pesquisar sobre as “bichas” no terreiro se tornou novidade para aqueles que frequentavam o espaço e também na roda de amigos” (p. 12). Lembro que lidei com algo parecido, também na pesquisa de mestrado em Antropologia, ao pesquisar sobre casos de racismo religioso junto a candomblecistas em Fortaleza e região metropolitana. Naquela ocasião, as alteridades em jogo não eram de pessoas heterossexuais e homossexuais, mas de evangélicos e candomblecistas. Os questionamentos sobre minha presença entre o povo de terreiro chegavam até mim via terceiros, nunca de forma direta, mas esses dois casos revelam algo importante na pesquisa antropológica: a identidade, seja ela qual for, do pesquisador e do/a interlocutor/a sempre permeia a relação de ambos, seja com desconfiança ou incompreensão, mas sempre há um ponto no qual a divisão entre o Eu e o Outro é enfatizada e marcada.

No capítulo 1, *Iniciando a gira: noções de espaço, experiência e sagrado*, Victor discorre, inicialmente, sobre dados sócio-históricos de Igarapé-Açu e foca, em seguida, no terreiro, descrevendo seus espaços e as relações que se desenvolvem ali. Ao falar das relações sociais no terreiro, o autor mobiliza o conceito de sociabilidade, porém não o define nem o desenvolve teoricamente. Já com o conceito de materialidade houve uma definição e uma aplicação etnográfica, o que enriquece o primeiro capítulo do livro. Algo que enfatizo desse capítulo é a narrativa sobre a trajetória do pai de santo do terreiro, que representa, de várias formas, muitas das experiências individuais no mundo das religiões afro-brasileiras.

Para além disso, destaco três coisas. Primeiro: a descrição que Victor faz acerca do interdito de entrar na residência do pai de santo é singular do quanto cada espaço do terreiro possui uma lógica territorial própria. Apesar de fazer parte do espaço do terreiro como um todo, a casa do pai de santo, onde reside com seu namorado, mãe, padrasto e irmã, é um espaço privado, não sendo facultada a entrada a qualquer pessoa, nem mesmo de qualquer filho ou filha de santo. Segundo: o episódio do uso inapropriado da guia que Victor narrou é sintomático do quanto que pesquisadores e pesquisadoras podem ser afetados em espaços religiosos como os terreiros. A materialidade do sagrado, como demarca Victor, é o próprio sagrado e deve-se levá-la a sério, respeitar seus limites e as

instruções de uso de cada objeto ritual. Terceiro: Victor faz um uso excessivo do conceito de sociabilidade ao longo do capítulo, sem explicar, inclusive, do que se trata ou qual a contribuição desse conceito para a sua análise, o que ele consegue fazer, por exemplo, em relação ao conceito de materialidade que foi bem aplicado na narrativa deste capítulo.

No capítulo 2, intitulado “*A ‘bicha’ quer dar close*”: *performatividade e dinâmicas corporais entre homens gays e entidades*, o pesquisador se utiliza do conceito de performatividade, mas também não o define, embora possamos entender o conceito pelo contexto que narra e pelo uso dos estudos de Judith Butler em sua argumentação. Nesse capítulo, salta aos olhos o conteúdo da narrativa em detrimento da forma. Explico. Enquanto análise etnográfica, rica em detalhes e prenhe de cotidiano, o livro não deixa a desejar, o que não se pode dizer da forma, pois a forma peca em enfatizar, excessivamente, os médiuns e os corpos gays do terreiro, mesmo quando o fato do médium ser gay não fazia nenhuma diferença no contexto que descreve. Ora, para quem conhece o cotidiano dos terreiros de Umbanda e Candomblé, bem como a literatura sobre o tema, sabe que não é nenhuma novidade a presença de homens gays. Assim sendo, tem-se a impressão que o autor superestima a presença gay em sua narrativa quando, na verdade, essa presença deveria surgir “naturalmente”, como acontece no capítulo 3, ao sabor dos acontecimentos e não sendo enfatizada a todo parágrafo superficialmente.

Afora isso, destaco do capítulo 2 duas questões trazidas pelo autor. A primeira: a relação das entidades com os médiuns gays, sobretudo Zé Pelintra, que “quando ‘desce’” busca legitimar sua masculinidade ao flertar com as mulheres, segurando as partes íntimas e usando uma linguagem atribuída ao “maloqueiro” como prova do seu androcentrismo” (p. 72). Entre outras coisas, chama a atenção a acuidade que Victor demonstra ter quanto aos detalhes de tudo o que ele pôde observar, inclusive os detalhes corporais quando enfatiza o cansaço que percebe nos “cavalos<sup>1</sup>”, ao receberem, de forma ininterrupta, uma entidade atrás da outra. Os gestos, o tom de voz, os apetrechos, as ‘doutrinas’, entre outras coisas são mencionadas quanto à apresentação pública que as entidades fazem de si. Aqui a materialidade e corporalidade formam a performatividade das entidades e suas relações com os homens gays.

---

<sup>1</sup> Categoria êmica que se refere aos/as médiuns que recebem entidades.

Questões em torno de performance de gênero também são debatidas no capítulo e é a partir disso que gênero se cruza com sexualidade, quando o pesquisador traz a fala de Zé Pelintra acerca dos médiuns gays numa dada ocasião:

Após cantarmos parabéns ao Zé, a entidade trocou de canto comigo e observou duas “bichas” dialogarem sobre os próprios casos amorosos sem compromisso, seus “ficantes”, na gíria popular. A entidade riu e disse que achava engraçado como as “bichas” mais afeminadas agiam, pois gesticulavam muito enquanto falavam sobre seus parceiros [...] (Rosário, 2024, p. 77).

Aqui a análise poderia inverter os termos da equação, afinal, penso que as bichas afeminadas também podem achar engraçado o jeito de machão galanteador de Zé Pelintra, que precisa manipular a própria genitália para se afirmar como homem heterossexual. Realmente gostaria de saber o que aquelas bichas acham do querido Seu Zé nesse quesito. Logo, no cotidiano do terreiro, algumas distinções são enfatizadas, como é o caso aqui comentado, no qual se opõem uma certa heterossexualidade masculina a uma certa homossexualidade masculina.

A segunda: a sociabilidade do terreiro vai além dos ritos e trabalhos, propriamente ditos. Nesse sentido, Victor narra como após uma gira foi convidado a beber com uma das entidades e alguns filhos e filhas da casa. Naquela ocasião, o autor teve seu ofício de antropólogo questionado e entendeu que ali precisava ser um pouco menos antropólogo, da mesma forma que naquele momento não se tratava mais de um rito religioso, por mais que a entidade ainda estivesse no corpo do médium. Dessa forma, Victor afirma que “o momento após o tambor é caracterizado pela diversão, descontração e diálogos variados, pois é neste ato que vínculos sociais podem ser criados, modificados, reinventados ou fragilizados” (p. 88).

No capítulo 3, com a epígrafe *Memórias de “bicha”, vivências de caboclo*, o autor foca nas trajetórias dos interlocutores, entre eles o pai de santo do terreiro no qual realizou sua pesquisa, um filho de santo da casa, um simpatizante e uma entidade, Zé Pelintra. Os outros três depoimentos complementam o relato de Seu Tadeu e apontam aspectos importantes das vivências gays nos terreiros. Há um ganho etnográfico significativo nesse capítulo quanto à riqueza de dados e experiências analisadas. Ao mesmo tempo, penso que o autor poderia ter questionado a suposta homogeneidade da presença gay nos

terreiros, no sentido de não generalizar, como se não houvesse também bissexuais ou lésbicas nesses locais, por exemplo.

Em relação a Seu Tadeu, Victor mostra que seus trabalhos espirituais se iniciaram em sua residência e que, ao longo do tempo, veio a necessidade de se ter um espaço apropriado e maior para isso, o que desaguou na inauguração do terreiro. Seu Tadeu nos conta que em sua trajetória teve que lidar com conflitos na família, com preconceito de amigos em relação à sua homossexualidade e religiosidade e com as batidas policiais no terreiro após sua inauguração, devido a denúncias de vizinhos<sup>2</sup>. Das falas do pai de santo destaco a indicação que ele fez de uma presença massiva de homens gays nos terreiros, em geral (p. 103), e que havia uma dificuldade de aceitação social quando o homem possuía esses dois marcadores sociais da diferença – macumbeiro e gay.

Seu Tadeu comenta também sobre as falas e atos homofóbicos de Zé Pelintra, que, quando não debochava, preferia se afastar de homens gays para “respeitá-los”. A entidade acredita que homens gays devem se dar o respeito, saber sair e saber entrar. O interessante é que essa métrica moral da entidade é unilateral, pois sua performance exageradamente masculinizada não é vista por ele nem pelos outros como falta de decoro social ou como exagero – apenas os gays aboilonados são exagerados, Zé Pelintra não. Com o passar do tempo, Seu Tadeu conversou com Seu Zé e o mesmo foi mudando seu comportamento (p. 106), demonstrando que a importância do diálogo entre os “cavalos” e as entidades.

No relato de Márcio, um simpatizante, vemos que o próprio enfrentou preconceitos na infância por ser gay e que no terreiro o ser gay é acolhido e valorizado, evidenciando que a sexualidade ou gênero da pessoa não influencia na espiritualidade de forma fundamental, absoluta, apenas relativamente. Como os valores umbandistas são outros, também é outra a forma de lidar com a diversidade sexual e de gênero, o que não exclui, obviamente, os conflitos e constrangimentos na relação entre homens gays que transitam pelo terreiro e as entidades. Já no relato de Tiago, filho de santo, há uma ênfase em sua trajetória pela igreja evangélica e depois pelo terreiro, na tentativa de melhor lidar com sua mediunidade, bem como as dificuldades do seu desenvolvimento mediúnico. Zé

<sup>2</sup> A questão da relação dos terreiros com a vizinhança não é de menor importância, pois se constitui numa relação cotidiana que influencia de várias formas a comunidade afrorreligiosa. Acerca disso ver Rodrigues e Araújo (2022) e Rodrigues e Araújo (2024), bem como os dados do II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe (Santos; Dias e Santos, 2023).

Pelintra é invocado mais uma vez como lembrança de uma entidade que debochava dos gays no terreiro (p. 118), bem como a forma como as entidades podem influenciar na vida dos “cavalos” quando estão atuados (incorporados).

Por fim, temos o relato de Zé Pelintra, que confessa suas atitudes nada amistosas com os homens gays do terreiro, mas que aponta sua mudança de comportamento, o que o pesquisador enfatiza como sendo algo comum nas narrativas anteriores: de que o deboche e o desprezo da entidade para com os homens gays é coisa do passado, pois hoje as coisas não são mais assim. A imagem de Zé Pelintra como malandro, machão e hétero é reafirmada pela entidade e como representante de uma masculinidade hegemônica, ele faz questão de mostrar ao público o quanto alcança esse ideal e o quanto os homens gays estão distantes dele. São masculinidades dispares e em conflito. A masculinidade de Seu Zé é uma tentativa falha e cômica de alcançar uma masculinidade opressora e violenta. Ao mesmo tempo, Zé Pelintra fala da necessidade da entidade em se adaptar aos cavalos, afinal, sem os cavalos a entidade não ganha materialidade, portanto, é uma via de mão dupla, uma relação de constante negociação. Como a entidade é “pelo certo”, deve seguir os princípios umbandistas (p. 124) e, nesse sentido, Zé Pelintra relativizou sua masculinidade hegemônica para acolher a masculinidade gay.

No capítulo 4, *Dar vida ao festejo: sexualidades e teatralização do sagrado*, o último do livro, o autor traz toda a dinâmica do cotidiano do terreiro, com os corpos gays e as entidades protagonizando a narrativa. A descrição desse cotidiano é rica e precisa, demonstrando a capacidade descritiva ímpar de Victor. O foco do capítulo é a festa da Cabocla Mariana, que ocorreu em 2021, e tudo o que se sucede no antes, durante e depois do festejo. Pessoas, decoração, cheiros, bebidas, sons, cores, fofocas, roupas, conversas, comidas, entidades e performances são descritas com vividez. Destaco desse capítulo as conversas, fofocas e expectativas dos homens gays que circulam por aquele espaço, sobretudo por ser um contexto de liberalidade quanto à homossexualidade. De forma geral, as interações sociais e espirituais no terreiro são intensas e tensas, até certo ponto.

Ao sintetizar sua análise do festejo, o autor propõe o conceito de corporificação do sagrado, enfatizando a centralidade do corpo na experiência homossexual umbandista, bem como sua posição entre o sagrado e o profano, entre o rito e o desejo, entre o espiritual e o carnal, mostrando que não há divisões rígidas quanto a esses aspectos. Quanto à dita ‘varrição’, o autor demarca bem que é um *after*, um momento após o dia do

festejo, no qual o festejo continua de um jeito mais informal, reservado. O capítulo 4 é, sem dúvida, o clímax do livro e por isso nos deteremos nele a seguir.

Neste capítulo o foco não “é o festejo em si, mas como ele é produzido e atravessado pelas homossexualidades masculinas” (p. 132). Em sua narrativa, Victor descreve como sempre tinha alguém que perguntava como estava indo sua pesquisa, deixando entrever a forma como umbandistas e entidades percebiam sua presença naquele espaço, afinal, ele não é umbandista, mas um pesquisador que sempre ajudava nas coisas do terreiro, quando estava presente e que desenvolveu intensas relações com as pessoas e entidades daquele espaço. Devido a isso, houve expectativas quanto à sua adesão à religião, como podemos ver no seguinte trecho: “Entre beijos de cumprimento, gritos de alegria e risadas, me perguntam como anda minha pesquisa, indagam se eu entrei para “macumba”, e, como minha resposta é não, me perguntam quando eu vou ser do axé. Mudo de assunto [...]” (p. 139).

Afora isso, o pesquisador destaca que as festas são avaliadas pelo público presente, inclusive aquela que é o mote do capítulo 4. Nas festas a presença da espumosa, ou cerveja, é ubíqua e obrigatória. A cerveja é parte fundamental do festejo, sobretudo por sua capacidade de agenciar as trocas entre humanos e não-humanos. Para quem está acostumado a ir a giras, a presença das bebidas é algo comum nos ritos, inclusive para purificar os corpos que ali estão presentes. Nesse sentido,

[...] a bebida alcóolica [...] possui outra funcionalidade na dinâmica do barracão. De acordo com as entidades “em cima” do pai de santo, ao ingerir a espumosa (ou qualquer bebida, seja ela alcóolica ou não), a entidade purifica o corpo mediúnico para que assim possa coabitar com mais harmonia no seu “cavalo” (Rosário, 2024, p. 141).

Outrossim, as entidades medeiam as conversas entre os homens gays, “contam segredos ou evitam quizilas entre as ‘bichas’ (p. 154), podendo favorecer ou dificultar encontros afetivo-sexuais entre certas pessoas. A varrição, por exemplo, tem o objetivo de ser um espaço de diversão, “especialmente aqueles/as que estavam ‘baiando’ na noite passada” (p. 163). Na varrição, algumas entidades descem, mas o foco é outro e o contexto se torna mais informal. No tópico intitulado “A varrição é das bichas” Victor descreve como esse é um contexto propício aos flertes da noite anterior, favorecendo a concretização ou não de encontros afetivo-sexuais fora do terreiro. A festa é o ensaio para criar o clima e a varrição é a açãoposta em prática para aqueles que trocaram olhares,

conversas, toques e risos na noite anterior. Até o pesquisador entrou na malha desses flertes e só percebeu que estava sendo paquerado quando Mariana, a entidade arriada no pai de santo, o informou disso, pois ele não havia percebido.

Nas *Considerações finais: fechando a gira, encerrando os closes*, Victor sintetiza bem toda a discussão do livro e aponta que ao “analisarmos a literatura de estudos sobre diversidade sexual e de gênero e sobre ruralidade, percebemos como as linhas de pesquisa se distanciaram” (p. 174). Igarapé-Açu é uma cidade interiorana, portanto, tem suas especificidades quanto a essa diversidade, que não pode ser subestimada, mas enfatizada. Logo, é cardeal que os contextos interioranos sejam lócus de pesquisa sobre a temática a fim de renovar esses estudos, que muitas vezes, focalizam apenas os grandes contextos urbanos.

Além disso, nosso autor destaca os conflitos e diálogos entre as homossexualidades masculinas e os terreiros, afirmando que essas sexualidades são aceitas nesses espaços, mas não sem tensões e confrontamentos. Seu argumento é de que:

[...] o terreiro ao ser um espaço de relações, vínculos e negociações sagradas e afetivo-sexuais também se torna um local que reverbera preconceitos e discriminações aos corpos dissidentes, mas que são tensionados por estes mesmos sujeitos, que, ao terem dispositivos de poder, resistem em forma de jocosidade, quízicas, *closes* e muito axé nas suas trajetórias. Ressalto que o barracão é mais um espaço de confluência, aceitação e segurança para os corpos homoafetivos de que de preconceito [...] (Rosário, 2024, p. 177).

Por fim, há alguns deslizes na escrita do livro quanto à forma, com transições abruptas entre o corpus teórico e as considerações etnográficas em vários trechos, o que não prejudica a qualidade, mas deve-se apontar que a forma importa tanto quanto o conteúdo. Adrede, se as imagens presentes no livro fossem coloridas e tivessem mais qualidade de resolução isso o enriqueceria<sup>3</sup>, visto que o autor traz em sua descrição e análise detalhes como vestimentas, cores e cheiros das pessoas que transitam por aquele espaço sagrado. Também salta aos olhos os usos de alguns termos que me pareceram meio inflacionados nos títulos dos capítulos, quando no texto em si eles não dialogam com o que está sendo narrado, por exemplo.

---

<sup>3</sup> Por decisão editorial as imagens ficaram em preto e branco.

Outrossim é interessante apontar que: 1) ao longo do livro a religiosidade evangélica emerge nos relatos dos interlocutores da pesquisa, seja indicando os trânsitos religiosos ou a distinção entre as formas de lidar com a diversidade sexual e com a mediunidade; 2) além disso, lésbicas e travestis aparecem de forma discreta no texto, sendo também corpos que poderiam ter sido melhor explorados na narrativa, a fim de complexificar o contexto observado; 3) vários conceitos êmicos do vocabulário LGBT+ poderiam ter sido melhor trabalhados, o que não ocorreu e explicitou a distância entre a identidade heterossexual do pesquisador e a identidade homossexual dos interlocutores. Finalmente, enfatizo que o livro é bem instigante quanto ao debate sobre diversidade de gênero e sexualidade no mundo das religiões afro-brasileiras e reforça que essa tríade temática tem uma vida longa pela frente. Leiamos o livro.

## Referências

RODRIGUES, Ozaias da Silva; ARAÚJO, Patrício Carneiro. Atualizando a Terceira Lei de Newton: ação e reação nos conflitos entre povo de terreiro e evangélicos fundamentalistas. In: RODRIGUES, Ozaias da Silva; ARAÚJO, Patrício Carneiro (org.). *Racismos, intolerâncias e ativismos*. 1 ed. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2022.

RODRIGUES, Ozaias da Silva; ARAÚJO, Patrício Carneiro. Dimensões sócio-políticas do racismo religioso: impactos nas Religiões de Matrizes Africanas. In: SANTOS, Juliana de Jesus; SANTOS, Thiago Lima dos; VERÍSSIMO, Silvana (org.). *Onã: caminhos para transformação*. São Paulo: Boca Petra Publicações, 2024.

ROSÁRIO, Victor Lean do. ‘*Nesse terreiro tem axé e tem viado*’: experiências homoafetivas e sexualidade em um terreiro de Umbanda no nordeste paraense. Cotia – SP: Margem da Palavra, 2024. 204 p.

SANTOS, Ivanir dos; DIAS, Bruno Bonsanto; SANTOS, Luan Costa Ivanir dos (org.). *II Relatório sobre intolerância religiosa: Brasil e América Latina e Caribe*. CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. Rio de Janeiro, 2023.

Recebido em 27 de novembro de 2024.

Aceito em 11 de agosto de 2025.